
NA GEOGRAFIA, A PAISAGEM, O ESTUDO DO LUGAR E A PESQUISA COMO PRINCÍPIO DA APRENDIZAGEM

IN GEOGRAPHY: LANDSCAPE, STUDY OF THE PLACE AND RESEARCH AS PRINCIPLES OF LEARNING

Helena Copetti Callai¹

RESUMO: O texto trata da discussão acerca da leitura da realidade, estudando o lugar a partir da visão da Geografia que ao fazer a análise da paisagem investiga o seu processo de formação, considerando o espaço construído socialmente. Acentua que a pesquisa na escola, ao fazer a leitura da realidade, deve ser considerada como uma metodologia e não como o conteúdo em si. Neste caso a proposição de conteúdo é a cidade como um lugar.

Palavras-chave: Educação geográfica. Paisagem. Lugar. Espaço.

ABSTRACT: This article discusses the perception of reality by studying the place from the sight in Geography that analyzes the landscape to investigate its formation process considering the socially constructed space. It emphasizes that research in schools enables the perception of reality and must be considered as a methodology instead of simple content. In this case, the proposed content is the city as a place.

Keywords: Geographic education. Landscape. Place. Espace.

INTRODUÇÃO

A geografia tem uma história como ciência e como disciplina escolar, que tem marcadas características que as torna singularizada. A ciência tem como compromisso responder os problemas que a sociedade nos apresenta e a disciplina escolar se pauta pelo ensinar os temas que são da ciência. Historicamente a geografia faz a leitura do mundo a partir do olhar espacial. Este olhar que nos diferencia das demais disciplinas curriculares

¹ Professora da UNIJUI - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, DHE - Departamento de Humanidade e Educação, PPGEC- Programa de pós-graduação em Educação nas Ciências - Professora e orientadora de mestrado, doutorado e supervisora de pós-doc., PQ/CNPq - Bolsista de produtividade em Pesquisa Nível 1 D, PqG - Pesquisador Gaúcho FAPERGS/RS. E-mail: copetti.callai@gmail.com.

(e também das ciências) tem aportes próprios que são definidos pelos limites que nos cabe e é dado pela linguagem em especial. Os conceitos, as categorias e, aliados a estes os princípios tradicionais da geografia nos permitem ter constituído ao longo do tempo um pensamento geográfico, ao que pretendemos ser fieis.

Portanto, o pensamento geográfico sustenta a nossa interpretação do mundo e ao ser constituído ao longo da história da humanidade foi assumindo as características que nos levam atualmente a ter os aportes teóricos para fazer a análise geográfica. A análise geográfica embasada nos conceitos e categorias e nos princípios da geografia permite elaborar um conhecimento que é do mundo, mas com o olhar específico orientado pelo pensamento geográfico.

Neste sentido a educação geográfica é a possibilidade de produzir os entendimentos do mundo oportunizando que os alunos realizem aprendizagens significativas. Uma aprendizagem significativa só ocorre quando os conteúdos estudados permitem que o aprendiz produza um conhecimento ao se apropriar da compreensão dos fenômenos para além de simplesmente tê-los como informativos.

Este texto sustenta uma argumentação tendo em consideração os conceitos de lugar e de paisagem numa perspectiva de fazer o aluno ser um pesquisador. Entende-se que isso lhe pode ser oportunizado pelo estudo do lugar articulando o conhecimento do mundo empírico e seus conceitos de senso comum, com a interpretação a partir de bases teóricas e tendo acesso ao conhecimento produzido pela humanidade.

A ESCOLA E O MUNDO DA VIDA

O mundo da vida precisa entrar para dentro da escola para que esta também seja viva, para que consiga acolher os alunos e possa dar-lhes condições para realizarem a sua formação, de desenvolver um senso crítico e ampliar as suas visões de mundo. E para tanto, a escola precisa ser a geradora de motivações para estabelecer inter-relações e produzir aprendizagens, que sejam significativas. Para Marques (1993, p.111)

“Aprendizagens significativas não são as que se organizem em função de serem verificadas (na verdade, cobradas) em exercícios mecânicos ou em exames padronizados, mas as que orientem para novas competências comunicativas nos campos da cultura, da vida em sociedade e da expressão das personalidades libertas de qualquer amarra”.

Adotando este pressuposto, o conhecimento escolar tem que propiciar as condições para atender a formação humana e desenvolvimento dos sujeitos, nos campos cognitivo e social. A escola é o lugar onde as aprendizagens formais devem ser desencadeadas e o professor tem a função de fazer com que o aluno tenha acesso ao conhecimento que a humanidade produziu. Quer dizer, acessar um conjunto de conhecimentos que ao serem produzidos tem as marcas dos espaços e dos tempos aliados aos interesses dos pensadores e seus contextos. Traduzir isso para os jovens e para as crianças na escola tem o sentido de contribuir para a formação destes sujeitos. E entendendo que estes processos assumem significados se tocarem os alunos buscam-se formas de trabalhar os conteúdos para além de serem meras informações. Estas assim como tal tem um caráter sempre transitório – aprende-se para cumprir as avaliações e não tem na maior parte das vezes significado para a vida. Mas, esta tarefa que cabe à escola fazer, independente de que outros (pessoas ou instituições) o passam também realizar exige pensar os caminhos adotados.

Neste sentido como fazer para que o mundo seja vivo na escola? Passando informações do mundo apenas, não adianta, aliás este desafio tem sido encarado ultimamente como quase que intransponível na escola diante dos avanços e popularização dos meios tecnológicos. O desafio é como proceder para articular o cotidiano que os alunos vivem com o conhecimento curricular decorrente da ciência, que ele tem direito a ter acesso. As informações são necessárias mas se revestem de cunho pedagógico nos processos de escolarização. E este desafio se assenta em compreender como abordar os conteúdos que são curriculares, como transmitir as novas gerações o que foi produzido pelos homens nas suas trajetórias históricas, e como esta produção pode ser significativa para os estudantes. No dizer de Marques (1992)

Não se ensinam ou aprendem coisas, mas relações estabelecidas em entendimento mútuo e expressas em conceitos, que por sua vez, são construções históricas, isto é, nunca dadas de vez, mas sempre retomadas por sujeitos em interação e movidos por interesses práticos no mundo em que vivem”. (p. 77)

Na continuidade de sua proposição este autor assevera que não se trata de “o professor operar com conceitos que já aprendeu na forma que os aprendeu, e que agora só necessitariam ser reproduzidos nos e pelos alunos”, (p. 77), mas sim, de produzir novos entendimentos em conjunto professor e alunos, de modo a elaborar respostas aos problemas que são vivos na vida comum destes sujeitos, neste tempo e neste espaço em que vivem. Não se tratar de inventar o já inventado, mas de saber como tratar esses conhecimentos para reconstrução permanente tendo o contexto em que vivem como base para busca de respostas que sejam “coerentes às demandas das práticas sociais contextualizadas” de modo a fazer uma “reconstrução permanente delas ao nível das exigências dos tempos mudados e das particularidades de cada situação histórica na concretude da vida dos educandos.” (p. 79).

Com estes entendimentos e a constatação de que, de um modo geral as escolas trabalham com a centralidade em um currículo disciplinar, e em cada disciplina existe um aparato conceitual que lhe outorga a legitimidade da sua identidade, busca-se alternativas para um ensino e processos de aprendizagem que possam envolver os alunos a se comprometerem na produção do seu conhecimento. É então, o caso de se perguntar como a geografia pode fazer para trazer o mundo para dentro da escola, que parece ser o caminho mais adequado para fazer um ensino vivo, consistente e coerente para gerar aprendizagens. Pode-se dizer que é fazendo a leitura do mundo como olhar sustentado no pensamento geográfico. E neste aspecto a grande questão é como tornar significativas as aprendizagens a respeito do mundo fazendo uma educação geográfica, no sentido de que a entendemos, de não apenas transmitir informações.

A proposição que se sustenta na pesquisa diz de olhar a realidade do mundo vivido com apoio de metodologias que se referem a aportes teóricos claros e que permitam fazer a interlocução do que existe no lugar em que o sujeito vive com o olhar do universal, contraposto ao singular. E assim, fazer perguntas, elaborar problemas ou entender os problemas que existem nos lugares de modo a construir alternativas de solução. Para tanto é fundamental conhecer a produção científica acerca dos temas que abordam os problemas e isso é o que o professor pode fazer em suas aulas, interligando estes conhecimentos com a realidade da vida comum destes sujeitos que estão na escola.

Existem, por certo, muitas possibilidades, e só com o conhecimento adequado e, com a compreensão do que foi produzido pela humanidade podem ser construídos os caminhos de modo a tratar pedagogicamente os conteúdos. Não adianta saber os conceitos formatados para reproduzir, é importante tratar dos problemas que estão em cada lugar, com o uso dos conceitos e teorizando para construção do conhecimento tendo os conceitos como aportes para entendimento dos conteúdos.

O ESTUDO DO LUGAR

No interesse de produzir as alternativas que considerem o até aqui exposto, o estudo do lugar na sua interligação entre o singular e o universal como um caminho centrado na pesquisa pode encaminhar a fazer um ensino que seja produtor de aprendizagens significativas. E a proposição é fazer por meio da pesquisa, pois, que pode ser esta uma forma de fazer com que os alunos tenham autonomia na busca de conhecer. E, com o apoio em Serres (1994, p. 40) sustentamos o que é o entendimento e importância de ter o lugar como categoria de análise, quando este autor diz, *“A vida reside, habita, mora, aloja-se, não consegue passar sem um lugar. Dir-se-ia que ela desenha e codifica a sua definição”* e indica o autor, que aí aparecem os conceitos de limites e fronteiras, abertas ou fechadas. Assim um lugar nunca é isolado no mundo e nem exclusivamente separado dos outros lugares, sendo que as fronteiras ao mesmo tempo em que demarcam limites, são transitoriedades entre os aspectos que são da natureza, que são da cultura, enfim do fazer e do viver a vida. E, uma cidade sempre é um lugar demarcado pelos limites do urbano, pelos limites administrativos, e por vezes por limites da natureza, mas não pode ser entendida isolada pois as relações sociais, entre os homens assim como os elementos da natureza não circunscrevem espaços por si só isolados e permanentemente. Daí a importância dos caminhos para estudar o lugar, e neste sentido interessa ver o que o autor citado diz dos caminhos para estudar e compreender o lugar,

“O seu método, entendam, por esta palavra, o seu percurso, a sua rota, o seu caminho, o desenho do seu trajecto, o seu método, então, inesperado como a inteligência, brusco e rápido como o espírito, nunca recorre à linha recta, nem a nenhuma curva prevista segundo uma lei anterior, porque a imbecilidade, repetitiva, é sempre previsível, mesmo e sobretudo quando parece racional, mas, pelo contrário, embaraça e desembaraça novelos complexos e entrançados, entrelaçados de nós e de bifurcações que, de súbito, se assemelham a uma tapeçaria vista do avesso: lugares singulares refinados e muito diferenciados que permanecem coesos por um trabalho global porque local, extenso porque ligado.(SERRES, 1994, p. 101)

Pode-se inferir no dito popular que os caminhos se fazem ao caminhar e assim precisa ser compreendido o esforço de estudar o lugar tendo sustentação teórica e metodológica de modo a superar o empirismo dado pela realidade do lugar. A realidade, quer dizer, o lugar onde se vive, deve ser conhecido e reconhecido pelos que ali vivem, pois, conhecer o espaço, para saber nele se movimentar, para nele trabalhar e produzir, significa conseguir reproduzir-se também a si próprio, como sujeito. Esta realidade (o lugar) pode ser a cidade (ou o município) que é por excelência o território compartilhado, o lugar da vida, onde se dá a reprodução, em determinado tempo e espaço, do mundo que

é o global, do universal. Compreender a lógica da organização deste espaço permite que se perceba que as formas de organização são decorrentes de uma lógica que perpassa o individual, seja do ponto de vista da cidade como tal, seja das pessoas que ali vivem. E cada lugar responde aos estímulos gerados externamente (globalmente), de acordo com a capacidade de organização das pessoas e dos grupos que ali habitam. Isto tudo permite que cada lugar possua uma identidade, que são as marcas que o caracterizam. A identidade do lugar permite que as pessoas tenham uma identificação com o mesmo, mas acima de tudo é necessário que cada sujeito construa a sua identidade singular.

São questões que se apresentam com pertinência diante do entendimento que se tem de fazer uma educação geográfica e não simplesmente ensinar geografia passando informações. Aliás esta tem sido tradicionalmente a função da geografia escolar, (passar informações) não como tarefa que lhe caberia, mas como acontece efetivamente nas aulas. Os livros didáticos trazem as informações, descrevem os fenômenos e os espaços, os mapas mostram realidades fixas sem questionar os tipos de produção e projeção cartográficas. E além disso, há que se considerar que num tempo em que a internet disponibiliza todo tipo de informação de qualquer lugar e de qualquer tempo, não há como a escola concorrer.

A LEITURA DA PAISAGEM

A Geografia propõe a leitura do mundo e da vida por intermédio daquilo que é o específico do seu trabalho, o espaço construído. Um espaço territorializado que faz parte da vida das pessoas, que é por elas construído, por meio da sua ação, mas também considerando a sua passividade, a sua não — ação, expressa na submissão de quem aceita como natural os acontecimentos. O espaço é o palco que serve de sustentáculo para as ações, mas ao mesmo tempo ele interfere, possibilitando, impedindo ou facilitando estas ações. Quer dizer, o território é um espaço vivo. E para fazer a leitura deste espaço o modo de apresentação que ele nos é mostrado é pela paisagem.

Uma paisagem é o retrato de um determinado lugar em um tempo específico, isto quer dizer que se apresenta de formas variadas ao longo do tempo. Além disto, a nossa apreensão pode não abarcar a visão de tudo, pois somos seletivos e, portanto, a nossa percepção da paisagem é sempre um processo seletivo de apreensão. Essa apreensão pode ser resultado de interesses nossos ou de quem nos comanda, podem ser motivações visíveis ou invisíveis. E, sendo a paisagem o que vemos, há a necessidade de olhar para além do que é o visível, pois ela não é formada apenas de volumes, mas também de cores, de movimentos, de odores, de sons, de lembranças. (Santos, 1988. p.61) Cada paisagem tem memórias e essas são as histórias do que ali naquele lugar já foi vivido e acontecido seja pela natureza seja pelos homens e na sua relação entre homem e meio.

Pode-se dizer, enfim, que a paisagem de uma cidade é resultado de dados físicos, que decorrem da natureza, tais como a vegetação, o relevo, a hidrografia, o clima, estes todos em sua versão natural mas de natureza transformada também. Mas há outras formas físicas também que são os edificados: os prédios, as ruas, os caminhos, as praças, os monumentos, os símbolos, a estrutura urbana. E há também a história e as diversas histórias particularizadas, a memória, a simbologia, que expressam os sentimentos, a cultura do lugar. Esta (a cultura) é a síntese, é o que permite dar a identidade.

A memória é social, é a cultura, dá a marca da cidade. Mas é também particular/singular, que são os sentimentos, os valores, dos sujeitos que ali vivem e que vão sendo

inscritos no espaço e vão nos educando. Quer dizer somos educados pela cidade, pelas relações, pelas inscrições que nela existem, mas também pelo que nela inscrevemos.

Fazer a leitura da paisagem é, portanto, uma possibilidade para que seja lida a realidade, seja lido o mundo da vida que acontece no lugar. Ao fazer a leitura vai se percebendo a história, o movimento, a mobilidade territorial, a seletividade espacial que é resultado do social. Pela cultura, muitas vezes territorializada no espaço de uma ou de outra forma, pode-se perceber os laços que os indivíduos traçam entre si, as formas de ação em relação ao ambiente, à natureza. Reconhecer a cultura local significa perceber a história do lugar, as origens das pessoas, as verdades e os valores que pautam as relações entre elas. Para isso são necessários instrumentos metodológicos para buscar essas evidências o que na geografia se constituem pelos mecanismos que são utilizados pela observação, descrição, interpretação, e representação.

Entendida desta forma a leitura da paisagem se apresenta como uma possibilidade de fazer a leitura da realidade por meio de tudo o que existe naquele lugar, que se torna visível porque está edificada, materializada no território. Mas também nas entrelinhas daquilo que é visível, e estes expressam os motivos que desencadearam os fenômenos e expressam as relações dos homens entre si e destes com a natureza.

É portanto, importante verificar, e buscar entender como a cidade acolhe e abriga as pessoas, e, por outro lado, como estas pessoas tratam e cuidam (ou não) da cidade. Esse olhar especial nos permite fazer a leitura do território marcado pela história da vida das pessoas que ali vivem e torna-se fundamental para que não se fique apenas nas descrições do aparente, olhar e conseguir perceber o que está por trás dessa aparência. Reconhecer os interesses envolvidos, as motivações, as lutas sociais, a capacidade de articulação das pessoas do lugar, significa ler para além da paisagem. E neste sentido é importante compreender que o espaço tem poder, na medida em que interfere nas vidas das pessoas. A leitura do lugar, o reconhecimento do que existe, é um dos passos para a compreensão da realidade.

Outro aspecto que precisa ser considerado é a escala social de análise, sem a qual corre-se riscos de não entender as dinâmicas envolvidas, sejam elas sociais, econômicas, políticas ou naturais. Cada lugar é a seu tempo e a seu modo uma mistura de características próprias do lugar em si e das interferências regionais, nacionais e internacionais. O universal se expressa, se evidencia no particular. As justificativas do que acontece nos devidos lugares podem ser encontradas no próprio lugar, mas também há muitas determinações externas. A consciência de ser sujeito do lugar pode facilitar a organização social das pessoas que ali vivem, na medida em que as pessoas tem voz, e que esta resulte dos entendimentos produzidos. Este entendimento tem que considerar os condicionantes da natureza, mas mais que estes é importante reconhecer que o trabalho do homem modifica a natureza e pode produzir deste modo mais condicionamentos. Além destes, não é demais repetir que existem condicionantes externos que resultam do tipo de organização e das demandas do mundo globalizado. Considerando estes aspectos pode-se perceber a força do espaço, que é resultado da organização social.

Depreende-se daí que a leitura da realidade só poderá ser bem realizada, se houver este olhar do universal e das singularidades expressas em determinados lugares. A pesquisa, portanto, deverá ser feita dessa forma, como uma metodologia de trabalho e não como o conteúdo a ser aprendido. Existe todo um conhecimento produzido pela humanidade que precisa ser apropriado em seus diversos aspectos e guardadas as particularidades, pelas pessoas, pelos alunos, para que eles possam efetivamente realizar a sua formação

como sujeitos críticos e capazes de exercer o seu papel social num mundo em que o contraditório se faz presente cada vez de maneira mais acentuada.

Cada lugar é a seu tempo e a seu modo uma mistura de características próprias do lugar em si e das interferências regionais, nacionais e internacionais. O universal se expressa, se evidencia no particular

A REPRESENTAÇÃO DA PAISAGEM

Além da leitura, é importante, também, que seja feita a representação dos fenômenos que existem e que podem ser inclusive considerados em suas fragmentos, e do conjunto do espaço o que se apresenta pelas paisagens considerando toda a sua complexidade. A representação, que pode ser feita das mais diversas formas (desenho, texto escrito, mapa, fotografia, maquete, teatro, vídeo, jornal, etc.), encaminha a uma análise e possibilita uma sistematização. Ou num processo de sistematização pode-se organizar os entendimentos e fazer a representação. Esta é por si mesma uma forma de sistematização E, assim, a capacidade de representar uma realidade que está sendo vivida permite que ocorra um distanciamento dela mesma, podendo-se compará-la a outras paisagens, a outros lugares.

A PESQUISA

Por estes caminhos entende-se que a pesquisa na escola se apresenta como a possibilidade de busca/investigação e produção do conhecimento. Um conhecimento que sirva para a vida do aluno, tanto na perspectiva de se reconhecer como um sujeito que tem uma identidade e que perceba o seu pertencimento, tanto quanto um desenvolvimento cognitivo que lhe permita ler o mundo, trabalhar nele tendo as condições necessárias e, viver bem e com dignidade. Para isso é importante conhecer o lugar em que se vive e compreender que os acontecimentos e os fenômenos da vida se materializam nos espaços produzido as paisagens.

O desafio é buscar os caminhos e procurar compreender como fazer a leitura desta realidade. Uma das alternativas pode ser por meio da pesquisa. A partir daí surgem os questionamentos: como ler a realidade? O que e como ler? Como conhecer o que está no lugar? Como entender as paisagens que ali se configuram? Como observar e reconhecer no espaço as nossas histórias? Como reconhecer nos lugares os resultados materializados das nossas vivências? É, neste sentido, importante e fundamental conseguir trabalhar com a diferença, que é tanto espacialmente percebida como é social e econômica, e que acima de tudo pode ser cultural.

Fazer a leitura da paisagem significa então fazer a leitura do espaço o que pode acontecer por meio da pesquisa. A pesquisa é então um princípio para a aprendizagem e exige toda uma postura de fazer avançar o conhecimento. Um conhecimento que não se esgota em si, mas que permite a interface, na análise da realidade, que é local, mas não apenas isso.

A pesquisa na escola é então a possibilidade de cada aluno poder avançar conforme seus interesses e suas capacidades, buscando as informações que precisa, assim como procurando as bases para dar conta de compreender estas informações. Estes referenciais podem ser trazidos pelas diversas disciplinas, que devem ter como meta principal fazer com que o aluno aprenda a pensar, estabelecendo relações e conexões por meio dos conteúdos específicos.

Fazer pesquisa pode ser uma postura interrogativa que leva a buscar as explicações acerca dos fenômenos que, ao serem materializados nos espaços expressam as histórias e

as motivações que fazem cada lugar ter as suas marcas. Mas para isso é necessário saber o que se quer saber, ter informações que permitam elaborar os questionamentos, que podem ser problemas que precisam ser entendidos. O pensamento geográfico é o elo que leva a fazer as interligações e, que se assenta nos conceitos que encaminham as interpretações e ao fazer a teorização cria as condições de organizar essa informação de modo a que o aluno possa fazer a produção do seu conhecimento.

Pesquisar exige que se saiba o que se quer saber e isso pode ter as bases nas leituras dos textos do livro didático, nas exposições do professor, no contato com os conteúdos curriculares. A pesquisa pode ser realizada a partir da proposição da aula de geografia ou tendo-a como interlocutora num trabalho interdisciplinar. Nesse sentido há diversas atividades que são específicas da geografia e que exigem inclusive uma alfabetização cartográfica, a ser desencadeada desde as séries iniciais. Aliás quando se fala em pesquisa e educação geográfica e, mais ainda tendo a cidade como o espaço eleito para o estudo, considera-se que é necessário fazer a análise geográfica que é a expressão metodológica do pensamento geográfico. Pensamento geográfico que é o que nos define e faz a condução do estudo para estudar o mundo.

POSSIBILIDADES DE ESTUDAR A CIDADE PESQUISANDO SOBRE ELA

Como sugestão de pensar a realidade do lugar e que vive aluno, tendo as referências teóricas que encaminham a compreensão do lugar pode-se considerar como elementos a orientar o atendimento das questões:

O que - pesquisar- parte-se de que o espaço da cidade é o lugar escolhido por ser um tema curricular que está presente em diversas series, e mais precisamente é o conteúdo de excelência para o estudo nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Aqui exige-se definir o que é uma cidade - quais os elementos que caracterizam a sua estrutura como um espaço urbano que acolhe de modo aglomerado as populações.

Porque - pesquisar a cidade para estudar geografia, ou porque estudar geografia pesquisando sobre a cidade. A cidade é o lugar onde vivem as pessoas, e se o aluno e a escola for da zona rural, este lugar é como parte de uma cidade, onde as referências são buscadas no cotidiano. A cidade é conteúdo da geografia e está sempre apresentada no livro didático, mas dificilmente a cidade do aluno (onde ele vive) está no livro. A cidade dos livros é metrópole, e a grande cidade ou alguma cidade que tenha um significado e valor diferenciado. Mas a maior parte das cidades são pequenas ou medias e não estão apresentadas nos livros, embora a internet hoje pode mostrar todas as cidades.

Quem - diz do grupo de alunos que vai estudar a cidade e diante disso precisa estar claro o contexto em que vivem e de como eles se organizam, como vivem as famílias que ali residem. Ao dizer quem são os alunos muito se diz da cidade, pois ali vivendo eles criam uma simbiose em que a identidade de cada um, das famílias e do lugar se mesclam para produzir a identidade que lhe dá as marcas. E estudar a sua cidade faz do aluno a possibilidade de ser entender como protagonista, que produz o seu espaço ao fazer a sua vida e dos grupos dos quais participa.

Como - são os caminhos adotados para fazer a pesquisa, indicando as possibilidades de operacionalização, seja na condução das pesquisas, seja nos materiais que podem ser utilizados. Essas ações são as estratégias para trabalhar o conteúdo, que dependem da definição clara dos temas, dos objetivos que se tem para estudar determinadas questões e fenômenos e de quem são os alunos e de qual o contexto em que vivem.

Os caminhos de fazer a análise geográfica se sustentam aqui nos fundamentos do que seja o pensamento geográfico e que tem em seus princípios para estudar o lugar desenvolver as noções de localização de situação e de orientação dos sujeitos e dos fenômenos estudados.

Para realização dessas tarefas de estudar o lugar passa-se necessariamente, a fazer a análise geográfica, pela observação, descrição, interpretação, análise, compreensão e representação. (CALLAI, 2018, p 120-123). Essas atividades podem ser consideradas um roteiro e a sua realização pode seguir nessa ordem bem pragmática, mas numa perspectiva da complexidade do mundo da vida, podem ser realizadas não necessariamente nessa ordem sequencial. E, mais, num vai - e - vem tendo a escala de análise como referência, construindo os caminhos pelo método que não é fixo e permanente mas que busca considerar todos os elementos que são significativos. Num lugar podem ser uns e noutros lugares podem ser outros, cabe então a sensibilidade pautada nos referenciais teóricos que sustentam o olhar ao mundo empírico, sem esquecer que são sempre construções sociais e historicamente situadas e datadas.

Os materiais a serem utilizados e as fontes podem ser assim discriminadas, mas sem esgotar a possibilidades.

- Com o mapa da cidade - traçando itinerários, percorrendo-os, representando-os, fazendo maquetes.
- Com documentos - da história da cidade, da história das pessoas, da sua própria história, construindo linhas do tempo, história em quadrinhos álbuns, quadros.
- Com entrevistas para levantamentos com as pessoas, com os grupos organizados, sobre como eles percebem a cidade.
- A estrutura urbana - que supõem perceber a organização dos bairros, com o estudo da história das ruas, com os monumentos, praças, etc. - Com o processo de fragmentação do solo urbano, através de interesses imobiliários, do poder público, do econômico, do político;
- Na rede viária - com a rede de transportes urbanos verificando as suas características, os fluxos, a acessibilidade, as ligações importantes e a mobilidade urbana.
- Com a verificação de casos em que os aspectos naturais condicionam os processos sociais, e aqueles em que as condições naturais são alteradas em função do uso urbano.
- Com a identificação dos lugares simbólicos da cidade, verificando o que eles representam para a cultura local.

O que vale é considerar a experiência humana seja do ponto de vista do que a ciência, e dos conhecimentos produzidos e organizados pela humanidade ao longo de sua trajetória histórica que nos são disponibilizados pela informação e estão nas produções escritas. Seja pela experiência no lugar onde vivem e tendo a oportunidade de trabalhar com os conhecimentos que cada um tem consigo que é resultado da sua própria vida no lugar e das possibilidades que tem de pensar a respeito. E nesse sentido considera-se que a pesquisa pode ser o elo de ligação entre essas duas dimensões do conhecimento humano, portanto considera-se a pesquisa na escola como um dos elementos que podem ser desencadeadores das aprendizagens que sejam significativas para cada sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa na escola é então a possibilidade de cada aluno poder avançar conforme seus interesses e suas capacidades, buscando as informações que precisa, assim como procurando as bases para dar conta de compreender estas informações.

Enfim, fazer a leitura da realidade por meio da pesquisa é buscar compreender o mundo em que se vive com um olhar novo, com o qual se possa perceber na aparência e por trás dela também, quer dizer, na sua essência, a vida que está sendo vivida. Ao realizar este exercício de investigação é importante verificar as paisagens, que são a expressão da materialização das relações entre os homens e entre os grupos que ali vivem; analisar os discursos das pessoas, ouvindo-os e situando-os no âmbito das realizações, das suas práticas; procurar reconhecer a cultura do lugar, percebendo a existência de uma cultura hegemônica e de outras diversas que com certeza existem entre as pessoas.

A escola é um lugar para aprender a pensar, para conhecer o que a humanidade e a ciência produziram ao longo do tempo, para aprender a dominar e manejar instrumentos da tecnologia, para exercitar um pensamento crítico, para construir referenciais capazes de fazer esta leitura do mundo da vida. A busca de caminhos para este fazer exige conhecimentos de parte do professor acerca do conteúdo da sua disciplina e da dimensão didático –pedagógica deste conteúdo. Doutra parte interessa que o aluno consiga produzir o seu conhecimento, e isso exige superar a simples transmissão de informações que guardadas para as avaliações, ao fazê-las ficam insignificantes para o aluno. Interessa sim, pautar o ensino na busca de que cada um compreenda a real dimensão da sua identidade e pertencimento a um mundo que é desigual e que não atende a todos tendo como prioridade seus direitos humanos. É importante conhecer para compreender e ter a capacidade de agir como sujeito inclusive para superar as desigualdades. Se à escola cabe transmitir o que a humanidade produziu no sentido do professor terá a incumbência de apresentar o mundo aos mais jovens, entende-se que também cabe a escola ensinar a pensar para se situar historicamente nesse mundo e promover a justiça social.

REFERÊNCIAS

- CALLAI, Helena Copetti. A cidade como conceito e como conteúdo. In: CALLAI, H.C.; OLIVEIRA, T.D.; COPATTI, C. (Orgs.). **A cidade para além da forma**. Curitiba. CRV, 2018. p. 120-128.
- CALLAI, Helena Copetti. Estudar a paisagem para aprender geografia. In: GARRIDO, M.G. (Comp.) **La opacidade del paisaje: formas, imagines y tempos educativos**. Porto Alegre. Imprensa, Livre 2013. p. 37- 56
- MARQUES, Mario Osorio. **A formação do profissional da educação**. Ijuí (RS) Editora Unijui, 1992.
- MARQUES, Mario Osorio. **Conhecimento e modernidade em reconstrução**. Ijuí (RS) Editora Unijui, 1993
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SERRES, Michel. **Atlas**. Lisboa. (Portugal):Editions Julliard. 1994.